DOI:10.12957/palimpsesto.2019.42594

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DA LITERATURA DE TESTEMUNHO DOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO DA ALEMANHA PÓS-GUERRA

Caio César Costa Santos
Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe
caio-costa@live.com

RESUMO
O presente artigo tem o propósito de refletir sobre a importância da relação entre literatura, história e memória. A partir do século XX, novos conceitos e valores foram paulatinamente construídos com a advento das duas guerras mundiais, o cenário encontrou uma nova ética com relação à estruturação do componente mnemônico nos estudos literários. A formação do sujeito, nesta época, diz respeito à assimilação do saber integrar as formas potenciais do passado e de inseri-lo numa epistemologia condizente à época das catástrofes. Para discussão, elencamos testemunhos de Primo Levi (2015) e Miklos Nyiszli (1974) a fim de apresentar as experiências acometidas no curso temporal da Alemanha nazista e de colaborar com a difusão da literatura de testemunho como um saber capaz de elucidar as atrocidades vivenciadas por prisioneiros em Auschwitz.

Palavras-chave: Literatura de testemunho; holocausto; prisioneiro.

ABSTRACT
This article aims at reflecting on the importance of the relationship between literature, history and memory. From the twentieth century on, new concepts and values were gradually built with the advent of the two World Wars, the scenario found a new ethics regarding the structuring of the mnemonic component in literary studies. The formation of the subject at this time concerns the assimilation of knowledge to integrate the potential forms of the past and to insert it into an epistemology appropriate to the time of catastrophes. For the discussion, we list the testimonies of Primo Levi (2015) and Miklos Nyiszli (1974) in order to present the experiences of Nazi Germany and confirm the dissemination of testimonial literature as a science capable of elucidating the atrocities experienced by prisoners in Nazi Germany Auschwitz.

Keywords: Literature of testimony; holocaust; prisoner.

DOI:10.12957/palimpsesto.2019.42594

Introdução

Sabe-se que o domínio da literatura enquanto campo do saber abrange uma multiplicidade de pontos de vista que enquadram também os testemunhos dos prisioneiros do holocausto. O início do século XX foi uma época de profundas transformações sociais em que a imagem do sujeito passou a ser vista por uma nova perspectiva a partir da qual a ação do intelecto foi essencial para a compreensão humana. O lugar do sujeito neste século anteriormente descrito é a de ser um *eu* calcado na dissolução de uma imagem ora hierarquizada pela difusão das ideologias do nazismo, ora desprestigiada pela incorporação da vivência de indivíduos prisioneiros em campos de concentração. A emergência dos testemunhos escritos, em sua essência, está condensada na assimilação dos sujeitos prisioneiros que sofreram diversas atrocidades no âmbito da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Este artigo, então, seguindo esta perspectiva, busca refletir sobre a posição do sujeito prisioneiro do holocausto em Auschwitz e nos demais campos de concentração. A partir de testemunhos recuperados em Primo Levi (2015) e em Miklos Nyiszli (1974), apresentamos uma discussão em torno da relevância da escritura do testemunho em um momento em que a História está tomada por imensas catástrofes. Nosso objetivo é o de demonstrar como a memória, enquanto fenômeno cognitivo, é capaz de fazer o sujeito relembrar os eventos de trauma que foram vivenciados na Alemanha nazista de Hitler. A incorporação do elemento mnemônico foi necessária porque é o único modo de recuperar as instâncias sombrias do passado.

1. O testemunho de Primo Levi sobre a vida nos campos de concentração

> Fui preso como membro da Resistência, no vale de Aosta, mas logo identificado como judeu. Conduziram-me ao campo de coleta de Fossoli, perto de Módena; e de lá, no final de fevereiro de 1944, para *Auschwitz*: mas esse nome hoje terrível era desconhecido a todos naquela época (LEVI, 2015, p. 151).

> Essa é a experiência da qual saí e que me marcou profundamente; seu símbolo é a tatuagem que até hoje trago no braço: meu nome de quando não tinha nome, o número 174517. Marcou-me, mas não me tirou o desejo de viver, pelo contrário, aumentou-o, porque conferiu uma finalidade à minha vida: a de dar testemunho, para que nada semelhante volte a acontecer (LEVI, 2015, p. 153).

Estes dois testemunhos do químico Dr. Primo Levi em *Assim foi Auschwitz* mostram como a memória é um instrumento maravilhoso, mas, em alguns momentos, sombria. O único instrumento, propriamente humano, que tem o poder de recuperar as instâncias do passado é a memória. Este fenômeno de transcendência da imagem-presente retorna ao sujeito como uma espécie de reapropriação do passado pertencente ao campo do imaginário.

Mas, no caso particular do testemunho, estamos tratando da escritura autobiográfica. Da ação de o sujeito colocar-se diante da própria história construída com a força da mente, do paradoxo entremeado na ação do sujeito de redescobrir a si mesmo e de testemunhar o que aconteceu com sua vida nos últimos tempos. O testemunho que este sujeito conta além de ser uma recuperação das instâncias do passado, é uma forma de trazer de volta os traumas vivenciados durante determinada época de sua história.

Os indícios distantes do momento presente podem ser recordados e, ao mesmo tempo, concretizados com a força da memória. Ou seja, à medida que os eventos episódi-

cos são contados, a memória é capaz de recuperá-los dentro de um esquema cognitivo próprio. A História Ocidental de épocas de catástrofes, por exemplo, tem sua relação intrínseca com os estudos sobre a memória. O recurso à memória é compreendido aqui como uma forma de representação de signos existentes no real, mas transpostos e ressignificados para uma temporalidade construída a partir de indícios ausentes.

As escrituras autobiográficas (ou, os testemunhos pós-guerra) sobre a história da deportação e dos campos de concentração da Alemanha nazista mostram como os sobreviventes do holocausto, como o Dr. Primo Levi, recontam episódios tenebrosos, assombrosos e chocantes, experienciados naquela época. Mais do que isso, eles, os testemunhos, alertam o leitor para o fato de que a história das tiranias fascistas na Europa passou a ser realidade.

O ato de "dar testemunho" desenvolveu-se mais por volta do início do século XX, a partir de testemunhos dos sobreviventes pós-guerra. A materialidade do testemunho representa, até hoje, o sofrimento de inocentes que vivenciaram, de perto, a morte. Muitos deles foram presos, torturados e mortos por conta apenas de sua língua, da cultura ou mesmo da religião. São testemunhos que jamais poderão ser esquecidos pelos sobreviventes.

Aqueles dois testemunhos de Primo Levi, datados de 1945 e 1946, revisitam a temida história dos campos de concentração na Europa, cuja opinião é, até hoje, vivida pelos europeus: a de que todo o estrangeiro é considerado um inimigo. O termo "estrangeiro" significa algo que é estranho ao país de origem, em outras palavras, "ser um estrangeiro" significa dizer que o indivíduo não faz parte de um grupo social particular, supondo crer que ele não conhece as leis e os costumes que regem o país em que está inserido. De

todo modo, um estrangeiro é visto como "diferente" por conta da língua, da religião e da cultura.

Segundo Primo Levi (2015), em 22 de fevereiro de 1944, uma situação semelhante ocorreu com ele e com outros estrangeiros de várias nacionalidades que foram interrogados pela SS e mantidos em cativeiro nas comportas do trem que vinha de Fossoli, na Itália, com destino a *Auschwitz*. Eram franceses, italianos, alemães e poloneses, muitos destes judeus, que tinham evacuado a sua terra natal e seguido um destino que eles mesmos desconheciam.

Durante a viagem, esses estrangeiros foram amontoados nos vagões do trem e transportados como se fossem animais ou mercadorias. Ao descer dos vagões do trem, foram rapidamente selecionados à vista e divididos em duas fileiras, para a esquerda e para a direita. À esquerda, estrangeiros com boa aparência física e saúde mental visível, à direita, estrangeiros que iriam ser trucidados nas câmaras de gás de *Birkenau*. Cerca de 650 estrangeiros e, por conseguinte, prisioneiros, foram destinados a pertencer à totalidade de cerca de cinquenta campos de concentração.

Esses estrangeiros eram homens, mulheres, crianças e idosos que passaram cinco dias dentro dos vagões do trem, passando sede e fome. As experiências eram as mais temíveis possíveis. Conta Primo Levi (2015) que ele e os demais sobreviventes daquela viagem desembarcaram em *Auschwitz* em 26 de fevereiro de 1944. Na mesma noite da chegada e aterrorizados com o que aconteceu com os outros estrangeiros, foram convocados a entrar no campo de concentração de *Monowitz*, na Polônia.

Lá, passaram por uma vista a olho nu e, despidos, foram levados a uma sala para iniciar o processo de tosamento dos pelos do corpo: cabelos, barbas e axilas caíram sob tesouras e navalhas. Após isso, iniciou-se o processo de desinfecção do corpo com uma

substância chamada “lisol”. Cada prisioneiro tinha direito a uma camisa de pano listrada, um par de meias, um pulôver, um sobretudo, um par de calças, um par de cuecas e um par de botas de solado de madeira. As botas eram construídas pelos próprios prisioneiros no complexo industrial de *Burna-Werke*.

O campo de *Monowitz* era um típico *Arbeitslager* (campo de trabalho) destinado a receber estrangeiros de boa conduta física que, ora cavavam com pá e picareta cimento e cal, ora descarregavam carvão nas pilastras dos temidos complexos industriais. Para alimentar-se, meio litro de uma infusão de sucedâneo de café com pão mofado pela manhã, uma sopa insípida com alguns legumes à tarde e outra mais consistente no período da noite. Conta Primo Levi (2015) que, todas as manhãs, os prisioneiros de *Monowitz* acordavam com o soar da sirene e, imediatamente, teriam que vestir-se, e ir à praça de um dos pavilhões ao som de marchas e cançonetas.

Segundo os testemunhos de Primo Levi (2015), foram dois anos, entre 1945 e 1946, a prisão de Levi neste campo de concentração.

Os campos de concentração não eram apenas lugares de angústia e extermínio, eram também, na perspectiva nazista, excelentes campos de experiência científica para a medicina legal. *Auschwitz*, dentre os “campos”, era o campo-piloto, onde as autópsias feitas com gêmeos e anões, por exemplo, eram aprimoradas. A mesa de dissecação transformava-se numa aula de anatomia humana. Dentre os estrangeiros, residiam, nestes campos, aptos médicos com diplomas outorgados em diversas das maiores universidades da Europa Ocidental.

Dentre os médicos, cito a figura do Dr. Miklos Nyiszli, a qual toma um lugar de referência acerca da convivência habitual e acerca da sobrevivência testemunhada nos campos de concentração. Nyiszli foi um competente legista do Dr. Mengele. Ele conse-

guiu convencer o Dr. Mengele a trabalhar para a SS num lugar de prestígio nos laboratórios de pesquisa do campo. Segue um de seus discursos: "Como o senhor sabe, a diarreia é extremamente comum no campo e em noventa por cento dos casos ela é fatal. Eu conheço tudo que há para saber sobre a evolução da doença, pois já fiz milhares de exames e tenho tudo minuciosamente anotado" (NYISZLI, 1974, p. 105).

Através da dissecação de um número ilimitado de cadáveres, o Dr. Nyiszli desejava descobrir as manifestações internas da disenteria, ainda desconhecida, na época, pela medicina legal. Enquanto um dos principais objetivos de Hitler era o de multiplicar a raça ariana, o Dr. Mengele era a figura-chave que estava posta a fazer autópsias do material genético humano. Este papel pertencia ao que os alemães chamavam de *SonderKommando*, um grupo de elite encarregado de, além de outras funções privilegiadas, supervisionar os prisioneiros "escapões".

Aqueles corpos que eram sujeitos ao processo de dissecação ficavam amontoados, vivos ou mortos, e os médicos legistas seguiam rigidamente o código de ética da medicina legal, pois trajavam aventais limpos e sapatos decentes. Segundo os testemunhos do Dr. Nyiszli (1974, p. 157)): "vê-los em volta da mesa de dissecação com seus aventais brancos e luvas de borracha poderia parecer a qualquer um que se tratava da sala de trabalho de algum instituto científico".

Essas experiências científicas com os prisioneiros dos campos de concentração alertam para o fato de que existiam, além dos massacres contra os judeus, um setor científico responsável por pesquisas em medicina legal, pois, os nazistas, na época, acreditavam na superioridade de sua raça. Era somente bem vista a etnia branca, loira e de olhos claros, os demais; judeus, negros e homossexuais, infelizmente, eram queimados, muitos deles, vivos, nas fornalhas dos complexos industriais dos campos de concentração.

Com a destruição de milhões de judeus, negros e homossexuais, Hitler conseguiria elevar o seu nome a uma dimensão de prestígio hierárquico a fim de angariar respeito aonde quer que chegasse. Por mais incrível que pareça, era com base nesta teoria sem fundamento e, assustadoramente de acordo com alguns destes testemunhos do Dr. Primo Levi e do Dr. Miklos Nyiszli, que os nazistas pretendiam dominar o mundo, pois, acima de qualquer lei e religião, os nazistas eram declaradamente contra as comunidades europeias de judeus e de homossexuais.

2. Perspectivas epistemológicas da literatura de testemunho

Do ponto de vista teórico, o testemunho é, de certo modo, uma forma de recuperar as instâncias do passado e tem sua relação com a perspectiva do tempo. A questão do tempo linearmente considerado é problematizado, aqui, segundo o conceito de diferença. Dos grandes pensadores da Antiguidade Clássica, a imagem do tempo pensada por Santo Agostinho é uma das que mais se aproximam dos estudos testemunhais, pois, a instância do passado relembra a metáfora agostiniana de que a correnteza de um riacho não é a mesma em lugares e pontos específicos, pressupondo existir uma dupla dimensão temporal: o passado-presente, que Deleuze (2007, p. 99) teoriza como "coexistência temporal".

Em Gilles Deleuze (2007), a simbologia do tempo é transversal e multidimensional. Ou seja, a linguagem de testemunho sugere a ideia de que "a imagem seja presente e passada, ainda presente e já passada, a um só tempo, ao mesmo tempo" (DELEUZE, 2007, p. 99). Segundo este filósofo, é a arte do cinema que nos traz o pensamento de que o

tempo é entrecortado, difuso e simultâneo, pois as pontas do passado estão sempre de-satualizadas e em constante estado de movimento.

Gilles Deleuze (2007) cria a metáfora do "Cristal de Tempo" para explicar que o símbolo da temporalidade significa ser uma expressão, uma invenção ou um circuito e que, com a imagem cinematográfica, podemos congelar o tempo em dois, tornando transparente, através do espectro do Cristal, a sua imagem bifacial.

A relação da teoria do testemunho com a visão deleuziana de tempo diferente aproxima o "real" da realidade fictícia. O "real", na teoria do testemunho, é visto como algo fictício, pois o que dá vida ao relato de testemunho é a imagem virtual construída pelo sujeito. Ou seja, as imagens das lembranças tornam-se concretas por intermédio da ação da escritura autobiográfica, o passado vem à tona como pura invenção. Em termos bergsonianos, estamos tratando de um passado imediato ligado à percepção que se pro-longa na ação momentânea do presente.

A fenomenologia de Henri Bergson (2006) nos explica porque a simbologia do tempo não segue uma ordem simétrica e cronológica, pois o tempo não é Chronos, mas sim Káiros. Sendo assim, cada instância do presente também é uma parcela do passado, pois toda percepção já foi memória. Se pensarmos que a grande Segunda Guerra Mundial (1939-1945) foi um relevante acontecimento da humanidade, a teoria de testemunho cumpre o seu papel de reproduzir as memórias autobiográficas, sejam elas fictícias ou reais. Por que, então, podemos falar de um relato de testemunho imediato pós-guerra?

O testemunho repousa na ideia de que o sujeito precisa falar, expressar-se. Daí a importância do testemunho, daí a importância de se resgatar e de se repensar o papel da memória. A ideia de "dar voz ao sujeito" é própria da compostura do sujeito moderno, uma vez que ele necessita expor ao interlocutor os seus desejos, seja numa consulta com

um psicanalista numa sessão de regressão, seja na defesa de um réu no tribunal de um júri.

O conceito de testemunho (ou a literatura de informação) remonta a época colonial do século XV quando os jesuítas caracterizaram as terras brasileiras, desde as tribos e os costumes dos indígenas às belezas naturais da paisagem e a chegada dos europeus em terras primitivas. A este tempo, o relato de testemunho não continha necessariamente um teor testemunhal, de modo que, naquela época, de descobrimento e colonização das terras do Brasil, o legado dos jesuítas era mais o de informar aos estrangeiros, que ali chegavam, que eles estavam em uma terra primitiva composta por capitanias hereditárias ainda não-colonizadas.

Contudo, a literatura de testemunho propriamente dita intensificou-se a partir do início do século XX como uma onda de abordagem cultural necessária à época áurea de catástrofes. A história das guerras, dentre as mais conhecidas, a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e a Guerra Fria (1945...), são catástrofes que geraram discursos eminentemente de origem testemunhal, pois, passadas as guerras, o registro episódico do holocausto só pudera ser recuperado por meio da escritura autobiográfica.

Foram estes marcantes acontecimentos de nossa história que produziram os testemunhos mais contundentes acerca da literatura histórica do pós-guerra. Cito, aqui, o Dr. Primo Levi em suas três principais obras de teor testemunhal, são elas: *Assim foi Auschwitz: testemunhos de 1945-1986*, *É isto um homem?* e *A assimetria e a vida*.

Segundo Seligmann-Silva (2012), a visão da teoria de testemunho da *Shoah* apresenta duas características de percepção do ato de testemunho: a primeira característica diz respeito à cena de testemunho do tribunal onde a perspectiva de testemunho cumpre

o papel de justiça histórica e de documento para a história (a literatura do holocausto e os tribunais pós-guerra como o de *Nuremberg*); já a segunda característica diz respeito à cena de testemunho individual a qual vê o testemunho como um momento de reconstrução do passado traumático.

O testemunho individual (ou da experiência) ganha forma artisticamente por meio de experiências unicamente subjetivas, pois o fio que liga as conexões entre o passado que já foi e o presente que o é, transmite ao leitor uma compreensão mais ou menos fidedigna do acontecimento vivido e que já passou. Os relatos dos sobreviventes do campo de concentração de *Monowitz*, vistos em Primo Levi (2015) por exemplo, são caracterizados como testemunhos da experiência porque são escrituras que recuperam traços e/ou fragmentos que perturbaram ou mesmo traumatizaram a psique do autor do relato.

A linguagem humana vista como processo de enunciação, para relembrar a estética linguística de Émile Benveniste (1989), remonta à ideia de que a língua, enquanto sistema de relações dicotômicas, mostra que a generalidade e a singularidade são os dois pilares de toda a observação analítica que impõe a linguagem como meio de viabilizar um conjunto de testemunhos. O lugar da singularidade, ou se se preferir, da subjetividade, ressalta a importância de se levar em consideração os aspectos marginais e/ou ordinários próprios da linguagem. Na escritura autobiográfica, a singularidade dos acontecimentos vividos encontrou o seu lugar de especulação.

Por outro lado, não podemos esquecer da importância da memória coletiva e aí citamos Halbwachs (1990) em *A memória coletiva*. As tragédias, os campos de concentração e a simbologia da queda do muro de Berlim pós-guerra ressaltam a grandeza de se investigar a memória popular e/ou cultural da civilização. A memória social e/ou coletiva está para a generalidade do acontecimento vivido testemunhado como uma situação so-

cial que condensa a história geral de um povo, enquanto que a memória individual e/ou subjetiva (a escritura autobiográfica) demonstra aspectos inerentes ao humano, desde as suas emoções às dificuldades vivenciadas, como o caso dos sobreviventes do holocausto de *Auschwitz*, Dr. Primo Levi e Dr. Miklos Nyiszli.

As pessoas que vivenciaram de perto as atrocidades em *Auschwitz* não são as mesmas. As experiências de desprezo, intolerância e massacre demonstram o quanto a psique destes sobreviventes foi profundamente abalada. O quanto essas pessoas carregam até hoje sintomas que as perseguem infinitamente e o quanto também o próprio ato de testemunhar essas atrocidades chega a tratar os sintomas traumáticos.

O estrondo da Segunda Guerra Mundial traz em seu bojo a ideia de genocídio: dezenas de milhares de judeus foram trucidados nas câmaras de gás de *Burna-Werke*, salvo aqueles que morreram de fome e desidratação profunda. O líder do Terceiro *Reich*, Hitler, tinha a intenção iminente de acabar de uma vez por todas com os judeus a partir de uma teoria antissemita. Embora Hitler tenha se suicidado com um tiro de revólver na cabeça como especula Ian Kershaw (2010) e os milhares de judeus mortos de forma desumana, a religião judaica se manteve no século XXI, mesmo passados exatamente 75 anos da catástrofe.

Para relacionar o contexto atual com o contexto do pós-guerra, citamos novamente o Dr. Miklos Nyiszli (1974) em um dos fragmentos do livro *Auschwitz: testemunho de um médico*, em que ele conta quando entrou numa das salas das câmaras de gás para encontrar alguns possíveis cadáveres que seriam levados para a autópsia e, ao chegar próximo dos corpos, viu ao lado deles, centenas de óculos de grau. Este testemunho ocular nos demonstra o quanto a individualidade humana é sombria, opaca e torturante. Os

objetos como os óculos de grau deixados de lado nos alertam para a efemeridade da vida e representam centenas de judeus mortos como testemunhas inocentes do Holocausto.

Com o intuito de colaborar com os testemunhos dos prisioneiros do Holocausto, atualmente, percebemos a ida e vinda de estrangeiros, refugiados e imigrantes, que saem de sua terra natal em busca de oportunidades de emprego no mercado de trabalho, resultando na forte incidência do tráfego de pessoas e de mercadorias, ainda em tempos atuais. Indivíduos que sonham em ter uma vida digna em terras estrangeiras, lutando por paz e moradia de qualidade.

Quanto ao elevado índice de número de imigrantes nas últimas décadas, cabe-nos a reflexão de que, ainda na pós-modernidade, o europeu vê o imigrante como um estrangeiro, não importando, de certo modo, as suas qualidades e os desejos de residir em um país estrangeiro.

Desde o século XVIII, o Iluminismo provocou na sociedade europeia uma forte tendência de mudança nos modos e nos costumes culturais; muito difícil, hoje em dia, o cidadão pegar um trem e não ver dezenas de pessoas com livros concretos e digitais em mãos.

A forte tendência do letramento na Europa tem provocado essa ruptura na distinção de culturas e, como a Europa é um dos continentes que mais vivenciou as duas grandes guerras de perto, os europeus perceberam que uma sociedade visivelmente letrada possibilita, mesmo diante dos preconceitos, a diminuição das fronteiras que separam os países vizinhos. Se o europeu carrega, ainda que em tempos atuais, uma certa diferença com relação ao imigrante, é porque, dentre outros fatores, a catástrofe da Segunda Guerra Mundial ainda não aliviou o coração da Europa, mais precisamente, da Alemanha.

DOI:10.12957/palimpsesto.2019.42594

Considerações finais

Desde o início do século XX, a memória exerce um papel particular na história das civilizações europeias, sobretudo, por conta do cenário das catástrofes. Nesta época, o sujeito viu-se capaz de contar a sua própria história através do exercício da escrita autobiográfica. A autobiografia de uma série de episódios que dizem respeito às atrocidades vivenciadas na Segunda Guerra Mundial é uma forma de o sujeito interrogar a si mesmo, como também de contribuir para a relevância dos estudos testemunhais na recuperação de eventos traumáticos.

A literatura após o século XX e depois das duas guerras mundiais criou uma estrutura epistemológica própria para compor os episódios que condensam as experiências dos prisioneiros nos campos de concentração. O modo de dar voz a esses sujeitos caracteriza a literatura de testemunho e coloca-a dentro de um quadro teórico do conhecimento relevante não visto ou esboçado em épocas anteriores.

Referências

BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral II*. Tradução Eduardo Guimarães. São Paulo: Pontes, 1989.

BERGSON, H. *Matéria e memória*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

DELEUZE, G. *A imagem-tempo*. Tradução Eloisa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2007.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Tradução Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

KERSHAW, I. *Hitler*. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LEVI, P. *Assim foi Auschwitz*: testemunhos de 1945-1986. Organização e notas de Fábio Levi e Domenico Scarpa. Tradução Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. *É isto um homem?*. Tradução Luigi Del Re. São Paulo: Rocco, 2013.

_____. *A assimetria e a vida*: artigos e ensaios 1955-1987. Organização Marco Belpoliti. São Paulo: UNESP, 2016.

NYISZLI, M. *Auschwitz*: testemunho de um médico. Tradução Roberto Goldkorn. Rio de Janeiro: Record, 1974.

SELIGMANN-SILVA, M. Imagens do trauma e sobrevivência das imagens: sobre as hiperimagens. *In:* CORNELSEN, E. L.; VIEIRA, E. M. A.; SELIGMANN-SILVA, M. (orgs.). *Imagem e memória*. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2012, p. 63-79.

Recebido em 05 de setembro de 2019.

Aceite em 30 de outubro de 2019.